

MELLO, Helena. Críticos e criticados: uma relação turbulenta. Porto Alegre: UFRGS – PPGAC; Jornalista e Mestre em Artes Cênicas.

RESUMO

A crítica surgiu como uma voz contestadora das ideias do rei e, ao longo dos séculos, tem provocado fortes embates entre aqueles que criticam e os que são criticados. Importantes pensadores como Roland Barthes, Northop Frye, Bernard Dort abordaram este tema. Nestas “batalhas” históricas que incluem ofensas verbais, agressões físicas e ameaças de vida, não são poucos os relatos, registrados em jornais e revistas do país e, mais recentemente, em *blogs* e *sites*, expondo os conflitos. As desavenças entre Paulo Francis e Paulo Autran, Décio de Almeida Prado e Nelson Rodrigues, Bárbara Heliodora e Gerald Thomas, Sábado Magaldi e José Celso Martinez Correa, entre outros, mais do que simples situações polêmicas são, sobretudo, uma forma de resgatar a história do teatro brasileiro e promover a discussão dos seus caminhos no futuro.

Palavras-chave: Crítica. Teatro. Virtual. Imprensa.

ABSTRACT

The criticism appeared as a contesting voice to the ideas of the king, throughout the centuries, it has provoked strong clashes between those who criticize and the criticized ones. Important thinkers such as Roland Barthes, Northop Frye, Bernard Dort approached this subject. In these historical “battles” which include verbal offences, physical aggressions and life threats, reported on the Country’s newspapers and magazines, recently, on blogs and websites, exposing the conflicts. The disagreements between Paulo Francis and Paulo Autran, Décio de Almeida Prado and Nelson Rodrigues, Bárbara Heliodora and Gerald Thomas, Sábado Magaldi and José Celso and Martinez Correa, and others, more than simple controversy situations, they are, above all, a form of rescuing Brazilian theater’s history and promote the discussion of its ways in the future.

Keywords: Critical. Theater. Virtual. Press.

“Cuspi com prazer em Paulo Francis”, afirmou Paulo Autran. Mas o que levou o filho de um delegado de polícia, estudante do Colégio Marista, formado em advocacia a fazer isso? Ele afirmou que foi para defender Tônia Carrero, atriz que o incentivou a seguir a vida de ator. Relembrando sua carreira, em um evento, em 2005, chamado *Sabatina da Folha*, Autran, já com 83 anos e 60 anos no palco, falou da atitude contra o crítico. Segundo ele, Paulo Francis era muito amigo de Tônia Carrero e do marido Adolfo Celi e dele próprio. De repente, nas críticas, começou a escrever: “Tônia Carrero, muito sexy”. Em outra: “Tônia Carrero continua sexy”. Até que na TV perguntaram a opinião dela sobre o crítico Paulo Francis e ela disse: “É o crítico mais sexy do Brasil”. Autran comentou que Francis ficou tão irritado que escreveu o artigo intitulado: *Tônia Carrero sem peruca*, no *Diário Carioca* de 17 de outubro de 1958. Não é de hoje que as relações entre críticos e atores são conturbadas, mas não deixa

de provocar perplexidade que um ator chegue a uma atitude tão ofensiva. Surgiram várias versões e, na época, a palavra “sexy” poderia ter significado uma alusão à homossexualidade. A reação do crítico foi contundente.

Nunca dormimos juntos que eu me lembre, para que ela possa manifestar-se sobre minha virilidade. É possível que a vedeta esteja me confundindo com alguns de seus colegas de palco. Tônia talvez se interesse em saber que já me foram oferecidas cópias das fotos em que ela posou em trajes menores e posições provocantes, fotos que foram publicadas numa revista pornográfica americana, Nugget (FRANCIS, s.d.).

Mais tarde, Francis afirmou que se arrependia de não ter feito as pazes com Autran, mas mantinha sua posição em relação a Tônia.

Tônia foi à televisão e declarou que “sofro de fígado, que não gosto de teatro”. Fui notificado, naturalmente. Não dei importância ao fato, pois se fosse ligar a toda mostra de ressentimento de histriões criticados aqui, ficaria sem tempo para nada. Comparemos, entretanto, sua conduta com a minha. O máximo que fiz, até hoje, foi sugerir que Tônia Carrero é uma atrizinha como existem por aí às dúzias, um fantoche manejado por Adolfo Celi. Estou dentro dos meus direitos profissionais de crítico. Não entrei no terreno pessoal. Poderia ter acrescentado que o prestígio de Tônia Carrero se deve à publicidade que se faz em torno de sua beleza que, atualmente, vive à custa da galvanização de salões de senhoras, pois o tempo passa e com ele, qualquer mulher bonita. Limitei-me, todavia, ao aspecto estritamente teatral do seu caso (FRANCIS, s.d.).

Em seu livro *O Afeto Que se Encerra*, Francis fez uma mea-culpa sobre o incidente.

(...) A exceção foi um ataque pessoal a Tônia Carrero, a quem admiro como mulher e atriz. O artigo é muito bom, lamento dizer, do ponto de vista técnico, enrubesci ao relê-lo (...) é sórdido, imperdoável, uma das mais pungentes vergonhas da minha vida, porque pessoal, mesquinho, deliberadamente cruel, sem que houvesse motivo. Na zonzeira em que vivia no Diário aceitei, inexplicavelmente para mim até hoje, uma interpretação suburbana de um colega de uma brincadeira que Tônia Carrero fizera comigo na coluna de Antônio Maria, em O Globo. Ou seja, além de cachorro, me portei como um idiota (FRANCIS, 1981).

Este caso não envolve uma crítica a nenhum espetáculo, mas afirmações sobre a moral e o comportamento pessoal dos envolvidos que costumam se colocar em lados opostos. Para Autran, nunca houve acordo entre quem faz teatro e quem critica. Paulo Francis com sua irreverência e furor chegou a ser considerado maldito por alguns.

Bárbara Heliodora também é chamada de “a senhora terrível”. Título que parece pesado para esta mulher de mais de 80 anos, cabelos grisalhos e fala mansa... até lerem seus textos. Por vezes, ela crucifica espetáculos, atores, diretores...

Se uma pessoa faz uma coisa que está toda errada e você, para ser bonzinho, diz que é ótimo, ela vai piorar cada vez mais. O ideal seria se todos tivessem um amigo que dissesse: “Isso está um horror, não está pronto, está uma porcaria”. Há muita autoindulgência. É preciso que se diga a verdade, mas a minha verdade não é de papa. Há vários críticos, cada um tem a sua opinião (HELIODORA, 2003).

Nomes como Marília Pêra surgem na lista dos incomodados, porém, na opinião de Bárbara, faz parte do risco da profissão desagradar algumas pessoas. Na

montagem de *Rei Lear*, ela disse que o diretor Ulysses Cruz misturou “desfiles, bandeiras, artes marciais, tochas e correrias” e o resultado era o caos. Seis meses depois, ele a barrou na porta do teatro, impedindo-a de ver *A Dama do Mar*, de Henrik Ibsen, que dirigia.

Outro caso famoso em que o criticado não aceitou nada bem sua crítica foi com Gerald Thomas.

Bárbara Heliadora é uma crítica vira-lata. Fracassou como atriz, assim como fracassaram suas filhas. Não a convido para estreia alguma desde Fim de Jogo, em 1990. Ela só vai a espetáculo meu escondida, pois, se eu souber que esse agouro travestido de espantalho feminino está sentado na plateia, vou lá e a retiro a pontapés. Espero ansiosamente pela sua próxima pneumonia e faço votos que ela seja a derradeira. Fico feliz em pensar que ela poderá estar morta antes da estreia do meu próximo espetáculo (THOMAS, 1993).

O meio artístico não recebeu bem esta agressão à crítica e Gerald Thomas chegou a se desculpar, mas a briga ganhou outro capítulo em que ela disse que o teatro dele era irrelevante e ele disse que uma senhora de 150 anos não teria condições de entender o que se faz no teatro hoje. Este argumento, muito usado contra os críticos, perde força quando se trata de Bárbara Heliadora devido ao seu currículo, com várias atividades ligadas ao teatro como a direção de 15 encenações, a tradução de 45 textos, mais de 70 palestras — no Brasil e em vários países — e cerca de duas mil peças assistidas.

Irreverentes, agressivos, ferinos e temperamentais. Adjetivos podem ser atribuídos a estes dois “personagens” de outro embate entre críticos e criticados: José Celso Martinez Correa e Bárbara Heliadora que, ao falar sobre a peça *As Bacantes*, disse: “A gritaria, as correrias, a nudez em massa não conseguem, em momento algum, transmitir a única coisa que emprestaria autenticidade ao todo, ou seja, uma verdadeira alegria” (HELIODORA, 1996). Zé Celso revida afirmando que Bárbara Heliadora “defende o teatrão, uma coisa morta”. E parte para a agressão pessoal dizendo que ela é uma mulher mal-amada, ressentida e chata. Entretanto, não foi este espetáculo que provocou um dos casos contundentes de discussão. Anos antes, em 1972, Gracias, Señor dividiu público e crítica e criou uma situação de atrito entre o diretor Zé Celso e o crítico e membro da Academia de Letras, Sábado Magaldi. A formação em estética pela Sorbonne, em Psicologia e História da Arte moderna, muitos prêmios acumulados e o título de *Chevalier des Arts et Lettres* do governo francês não evitaram um grave desentendimento que o faria publicar a “Resposta a uma agressão”.

Entendo que um encenador, ao ver que sua proposta não teve a repercussão pretendida, procure defendê-la e contradizer opiniões adversas. Ainda mais que a proposta era essencial num processo de trabalho. Se José Celso se tivesse limitado a recusar a minha crítica, opondo-lhe argumentos estéticos, eu silenciaria. Só achei que não deveria permanecer calado porque estavam em jogo princípios mais amplos, de que eu não abdicaria. Aceitar o juízo sobre a minha pessoa, e não apenas sobre um determinado comentário, seria demitir-me de uma dignidade elementar (MAGALDI, 2003, p. 304).

Finalizando este registro de alguns confrontos (não obedecendo a uma ordem cronológica dos fatos), vem à tona Nelson Rodrigues, que provocou grande estardalhaço desde a encenação de *Álbum de Família*, em 1945.

O veto dividiu a crítica. Os defensores diziam que era a peça mais bem escrita de todos os tempos e botavam a culpa no governo do general Eurico Gaspar Dutra, que também mandara fechar os cassinos e o Partido Comunista. Outros críticos, como Álvaro Lins, diziam: “Sem estilo, sem técnica teatral, sem imaginação e sem poesia dramática, eis que Álbum de família soçobra num mar de enganos, equívocos, erros, atrapalhões e insuficiências” (SALOMÃO, s.d.).

Para Décio de Almeida Prado, crítico de 1940 a 44 na revista “*Clima*” e de 1946 a 68 no jornal “*O Estado de S. Paulo*”, o modernismo no teatro para sua geração foi chocante. Na edição de agosto de 1944, Prado comentaria a ousadia do autor e diria: “Ninguém sabia bem como julgá-lo — gênio ou talento superficial e sensacionalista, poeta maldito ou simples manipulador, embora hábil, de enredos melodramáticos?” (PRADO, 1970). Porém, seria o próprio autor que faria um dos comentários mais contundentes sobre sua própria obra.

Com Vestido de noiva, conheci o sucesso; com as peças seguintes, perdi-o, e para sempre. Não há nesta observação nenhum amargor, nenhuma dramaticidade. Há, simplesmente, o reconhecimento de um fato e sua aceitação. Pois a partir de Álbum de família – drama que se seguiu a Vestido de noiva – enveredei por um caminho que pode me levar a qualquer destino, menos ao êxito. Que caminho será este? Respondo: de um teatro que se poderia chamar assim – desagradável. Numa palavra, estou fazendo um teatro desagradável, peças desagradáveis. No gênero destas, incluí, desde logo, Álbum de família, Anjo negro e a recente Senhora dos afogados. E por que peças desagradáveis? Segundo já se disse, porque são obras pestilentas, fétidas, capazes, por si sós, de produzir o tifo e a malária na plateia (RODRIGUES, 2004, p. 27).

Apesar da linha divisória entre críticos e criticados, os críticos costumam tentar cruzar o espaço entre a cena e a plateia. Bárbara Heliadora fez papel de árvore em uma montagem de Chapeuzinho Vermelho. Paulo Francis, aos 22 anos, entrou para o Teatro do Estudante do Brasil, companhia de Paschoal Carlos Magno. Seis anos mais tarde, foi contratado como diretor do Teatro Nacional de Comédia. Décio de Almeida Prado participou do Teatro Universitário da Faculdade de Ciências e Letras da USP. Além disso, não há crítico que não tenha sido criticado. Acusados de virulentos e perversos, de se acharem acima do bem e do mal, se são amigos dos atores e diretores e elogiarem, dirão que estão sendo condescendentes. Se os criticarem, provavelmente, reagirão mal podendo até terminar a relação.

Apesar da ira do momento e do rancor que os críticos provocam, com o passar do tempo, as situações que geraram conflito já não parecem tão graves e não raro qualquer resquício de sentimento negativo acaba se dissolvendo. Todavia, o que leva esta relação ser sempre tão intensa e frágil? Questões de mercado ou psicanalíticas? Envolvem o que a crítica representa em termos de público nos espetáculos ou trata-se do ego dos atores e atrizes? Ou os dois? Sarcey, que morreu em 1827, dizia: “Você é um ser humano, caro crítico, quer dizer fraco e nem os atores, nem os autores que você julga, nem o público que lê os seus julgamentos devem sofrer de suas fraquezas”. É pouco provável que não ocorram mais conflitos. Entretanto, para o bem da arte, tomara que cuspidas sejam algo do passado e que mais do que uma disputa de egos, a relação entre críticos e criticados fortaleça os vínculos dos artistas com o público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA PRADO, Décio de. A personagem no teatro. In: **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

FRANCIS, Paulo. **O Afeto que se encerra**. São Paulo: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1981.

MIRANDA, Ricardo. **A senhora terrível**. Revista Isto é. São Paulo: Editora Abril. 2003.

PRADO, A. de Almeida; ÁREAS, Vilma; AGUIAR, Flávio. (Org.). **Décio de Almeida Prado: um homem de teatro**. São Paulo: EDUSP, 1997.

RODRIGUES, Nelson. **Teatro completo**, São Paulo: Nova Fronteira. 2004.

SARCEY, Francisque. **Os direitos e os deveres do crítico**. In: MEYER-PLANTUREUX, Chantal (Org.) Un siècle de critique dramatique – Belgique: Complexe, 2003.

FRANCIS, Paulo:

<<http://www.guiadoscuriosos.com.br/categorias/2180/1/paulo-francis.html>. 12/08/2011>.

MARQUES, José Reinaldo. **Uma vida dedicada ao teatro**: <<http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=2497>>.

PERSIA, Mary. **Cuspi com prazer em Paulo Francis, diz Autran**: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u55560.shtml>>. 12/08/2011.

SÁ, Nelson de; LEITE NETO, Alcino. **Décio de Almeida Prado**: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/entdecioalmeidaprado.htm>>. 12/08/2011

SALOMÃO, Marici. De reacionário e obsceno a unanimidade nacional. <http://www2.uol.com.br/entrelivros/reportagens/nelson_rodrigues_de_reacionario_e_obsceno_a_unanimidade_nacional_imprimir.html>. 12/08/2011.

VISO, Leonardo. **Quem tem medo de Bárbara?**

<<http://www.seculodiario.com.br/arquivo/2008/fevereiro/19/cadernoatracoes/cultura/02.asp>>. 12/08/2011.

Autran Atira. <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/carlos-franco--30759>>. 12/08/2011.

Paulo Francis mira a jugular e ataca.

<<http://decadade50.blogspot.com/2007/05/paulo-francis-mira-jugular-e-ataca.html>>. 12/08/2011.

Zé Celso Martinez Correa.

<<http://omultimidianago.blogspot.com/2007/12/ze-celso-martinez-correa.html>>. 12/08/2011.